



Ispas

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

**Consumo de Pornografia Online e Qualidade Relacional
em Relações Amorosas**

Ana Patrícia Pimenta Ribeiro Cardoso, 27529

Orientadora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA SOFIA VON HUMBOLDT

Professora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA SOFIA VON HUMBOLDT

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Sofia Von Humboldt, apresentada no Ispa – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

A realização desta dissertação ficou simbolizada como uma jornada de crescimento e superação, proporcionando-me aprendizagens significativas, crescimento pessoal e muita resiliência.

Primeiramente, expresso o meu agradecimento à Professora Doutora Sofia Von Humboldt, representada como minha orientadora e docente do seminário de dissertação, por toda a sua disponibilidade, compreensão e encaminhamento, fundamentais ao longo de todo este processo.

Expresso a minha gratidão, igualmente, aos meus pais, por todo o amor incondicional, paciência e presença durante este período, marcado por momentos de ansiedade e insegurança. Ainda, às minhas irmãs e aos seus companheiros, pela participação neste trabalho e pelo apoio genuíno.

Por fim, agradeço a mim mesma pela minha persistência e força, expressas ao longo deste processo. Apesar dos contratempos iniciais, que me conduziram à alteração do tema desta investigação e à dificuldade em obter uma amostra representativa da população, mantive o compromisso de cumprir com o meu objetivo principal: realizar um trabalho honesto, que reflète o meu empenho e dedicação.

A todos os participantes, que representam a amostra deste estudo, manifesto o meu mais sincero agradecimento pela confiança e contributo na sua realização.

Índice

Introdução.....	1
Enquadramento Teórico	3
Método	10
Desenho do Estudo.....	10
Participantes	10
Critérios de Inclusão e Exclusão	10
Caracterização da Amostra.....	10
Material	15
Questionário Sociodemográfico	15
<i>Cyber Pornography Use Inventory-9</i>	15
Entrevista Estruturada	16
Procedimento.....	16
Análise de Dados.....	17
Amostra Quantitativa	17
Amostra Qualitativa	18
Resultados	19
Objetivo 1: Análise do Consumo de Pornografia Online dos Participantes	19
Objetivos 2, 3 e 4: Exploração de Motivações, Dinâmica Relacional e Percepções de Preconceito	21
7. Discussão.....	24
Objetivo 1: Consumo de Pornografia Online dos Participantes.....	24
Objetivo 2: Motivações para o Consumo	25
Objetivo 3: Horários de Consumo e Impacto na Relação Amorosa	26
Objetivo 4: Preconceito Associado ao Consumo	26
Limitações	27

Implicações e Recomendações Futuras	28
Conclusão	28
Referências	30
Anexos.....	35
Anexo A	35
Tabela A1 - Consistência interna das subescalas do CPUI-9.....	35
Tabela A2 - Síntese dos Temas e Subtemas da Análise Temática Indutiva.....	35
Anexo B - Questionário Sociodemográfico	37
Anexo C - <i>Flyer</i> Digital	49
Anexo D - Exemplos de Emails Enviados a Instituições de Ensino Superior	50
Anexo E - Exemplos de Excertos das Entrevistas.....	51

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica da Amostra Total.....	11
Tabela 2 - Estatísticas Descritivas do CPUI-9	20
Tabela 3 - Correlação de Pearson entre a Idade e o Consumo Problemático de Pornografia ..	21

Temas Centrais da Análise Temática

Tema 1 - Motivações para o Consumo de Pornografia.....	21
Tema 2 - Efeitos Percebidos nas Relações Amorosas.....	22
Tema 3 - Percepções e Atitudes face ao Consumo pelo Parceiro	23
Tema 4 - Contexto e Experiência Emocional Associada ao Consumo	24

Resumo

Introdução: O presente estudo focou-se em compreender o efeito do consumo de pornografia online na qualidade relacional de indivíduos em relações amorosas. **Método:** Adotou-se um delineamento misto, transversal e correlacional, integrando uma componente quantitativa e uma qualitativa. A amostra quantitativa foi constituída por 67 participantes, que completaram o *Cyber Pornography Use Inventory – 9* (CPUI-9), enquanto a amostra qualitativa abrangeu uma análise temática indutiva de seis entrevistas estruturadas. **Resultados:** Verificaram-se níveis reduzidos de compulsividade percebida, esforços de acesso e perturbação emocional, relacionados com o consumo. A média global aproxima-se dos valores observados no estudo de validação portuguesa do instrumento, revelando um consumo percebido como controlado. Observou-se uma correlação negativa e estatisticamente significativa entre a idade e o consumo problemático de pornografia, propondo um maior envolvimento de participantes mais jovens. Da análise temática emergiram quatro temas: 1) Motivações para o consumo de pornografia; 2) Efeitos percebidos nas relações amorosas; 3) Percepções e atitudes face ao consumo pelo parceiro; 4) Contexto e experiência emocional associada ao consumo. **Conclusão:** Os resultados reforçam o valor elucidativo do Modelo de Antecedentes, Contexto e Efeitos (ACE), demonstrando que os efeitos do consumo pornográfico provêm da interação entre fatores individuais e relacionais. O estudo fornece uma percepção contextualizada e não patologizante do fenómeno em Portugal, destacando a importância da comunicação e da literacia sexual na preservação da qualidade relacional.

Palavras-chave: pornografia online; qualidade relacional; modelo ACE; relações amorosas; análise temática.

Abstract

Introduction: This study focused on understanding the effect of online pornography consumption on the relationship quality of individuals in romantic relationships. **Method:** A mixed, cross-sectional, and correlational design was adopted, integrating a quantitative and a qualitative component. The quantitative sample consisted of 67 participants who completed the *Cyber Pornography Use Inventory – 9* (CPUI-9), while the qualitative sample comprised an inductive thematic analysis of six structured interviews. **Results:** Reduced levels of perceived compulsivity, access efforts, and emotional distress related to consumption were observed. The overall average is close to the values observed in the Portuguese validation study of the instrument, revealing consumption perceived as controlled. A negative and statistically significant correlation was observed between age and problematic pornography consumption, suggesting greater involvement of younger participants. Four themes emerged from the thematic analysis: 1) Motivations for pornography consumption; 2) Perceived effects on romantic relationships; 3) Perceptions and attitudes towards partner consumption; 4) Context and emotional experience associated with consumption. **Conclusion:** The results reinforce the explanatory value of the Antecedents, Context, and Effects (ACE) Model, demonstrating that the effects of pornography consumption stem from the interaction between individual and relational factors. The study provides a contextualized and non-pathologizing perception of the phenomenon in Portugal, highlighting the importance of communication and sexual literacy in preserving relationship quality.

Keywords: online pornography; relationship quality; ACE model; romantic relationships; thematic analysis.

Introdução

O estudo acerca do consumo de conteúdo pornográfico online tem vindo a desenvolver-se, acompanhando o desenvolvimento digital e a crescente modulação das experiências sexuais por meio da tecnologia, responsáveis por tornar o fenómeno, amplamente, presente entre os utilizadores (Willoughby & Leonhardt, 2018; Castro & Lins, 2020).

Investigações longitudinais têm vindo a demonstrar que o uso de pornografia não se trata de um fenómeno independente, podendo ser fortemente influenciado pelo contexto relacional e normas (explícitas ou implícitas) do casal. Alguns trabalhos procuraram realizar a distinção entre o consumo a sós e consumo partilhado, mostrando que ambos os padrões possuem significados distintos. Isto é, consumir pornografia em diáde tende a relacionar-se com uma comunicação sexual mais ampla e em determinadas ocasiões, a uma maior proximidade e satisfação sexual. Porém, se este consumo é ocultado do parceiro e é consumido de forma solitária, pode associar-se a uma satisfação relacional reduzida e a mais conflitos, principalmente, quando o parceiro não obtém conhecimento prévio desse comportamento (Huntington et al., 2020; Vaillancourt-Morel et al., 2024; Maas et al., 2021).

Em simultâneo, alguma literatura tem sublinhado que, o ato de consumir conteúdo de cariz sexual, não esclarece as diferenças na qualidade relacional, mas que estas podem sim ser mediadas pelo contexto e significado subjacente a esse consumo. Em estudos com casais heterossexuais, os diferentes pontos de vista acerca da pornografia entre os elementos, o consumo secreto ou a consciência de que a pornografia substitui o parceiro, revelam-se intensamente associados a uma satisfação reduzida e desconfiança, ao contrário da frequência do consumo em si (Campbell & Kohut, 2017; Leonhardt et al., 2018).

Este ponto de vista corresponde com modelos contextuais, como é o caso do Modelo de Antecedentes, Contexto e Efeitos (ACE), que sugere que os efeitos da pornografia são condicionados por antecedentes individuais, no caso, o erotismo, princípios morais e historial de relações, pelo contexto do consumo, podendo ocorrer de forma solitária, juntamente com o parceiro ou mantido em segredo e ainda pelos efeitos, intrinsecamente, percebidos após o consumo (Leonhardt et al., 2018; Leonhardt et al., 2019).

Outros estudos também têm apontado para as divergências entre consumidores. Análises de padrões latentes, com população comprometida, identificaram diferentes perfis entre utilizadores, como indivíduos que consomem ocasionalmente, outros que consomem uma vasta gama de conteúdos e consumidores predispostos para o uso problemático. Além disso, também

revelaram que os perfis com maior diversificação e sigilo, tendem a gerar mais conflito e evitamento sexual dentro do relacionamento (Kohut et al., 2017). Outras investigações qualitativas com díades amorosas reafirmam esta ideia, comprovando que muitos parceiros conseguem envolver o uso de pornografia no relacionamento, sem prejuízo e que, em casos excepcionais, potenciam ganhos de intimidade, conferindo a existência de uma comunicação aberta e regras claras sobre como e quando o consumo deve ocorrer (Engelkamp et al., 2024).

Não obstante, permanecem algumas lacunas na investigação. Grande parte dos estudos foi conduzida em contextos de países nórdicos, nomeadamente, americanos, que são retratados como mais permissivos, culturalmente. Isso remete para o surgimento de dúvidas, quando os resultados são equiparados com contextos mais reservados e com discursos de moralidade sexual, como no caso de Portugal. Além disso, muitos trabalhos focam-se na exploração da frequência do uso, investigando superficialmente a perceção de um consumo problemático, algo comprovado, por literatura mais recente, como um preditor mais forte de conflitos interpessoais (Bóthe et al., 2020; Gola et al., 2017). Também, pouca investigação articula, na mesma metodologia, dados quantitativos padronizados com informação qualitativa acerca de motivações que conduzem ao consumo, horários de utilização e negociação com o parceiro.

Por outro lado, é de ressaltar que, grande parte da literatura atual, procurou encarar variáveis mediadoras, como a toma de conhecimento por parte do parceiro, a existência de limitações dentro do relacionamento e o tipo de consumo (solitário vs. partilhado). Nesse seguimento, demonstraram que estas permitem fornecer uma explicação para o facto de que, em determinados casais, a pornografia se correlaciona com uma satisfação reduzida e noutros não (Maas et al., 2018). No entanto, estes estudos não incluem, frequentemente, amostras portuguesas e raramente exploram horários de consumo ou perceções de preconceito.

O presente estudo propõe colmatar essas omissões, adotando uma metodologia mista, transversal e correlacional, de modo a contribuir para uma compreensão mais integrada e realista da utilização de conteúdo pornográfico online na dinâmica relacional de indivíduos em relações amorosas, bem como das motivações, experiências e significados atribuídos ao fenómeno. Ainda, através do enquadramento teórico do Modelo ACE de Leonhardt et al. (2018), procurou situar, empiricamente, essa problemática no contexto português.

Nesse sentido, é gerada a seguinte questão de investigação: “Qual é o efeito do consumo de pornografia online na qualidade relacional de indivíduos em relações amorosas?”.

Enquadramento Teórico

Ciclo de Vida e Qualidade Relacional

O desenvolvimento do ser humano representa-se como algo contínuo, assinalado por modificações e tarefas de desenvolvimento e aperfeiçoamento, conduzidas pela passagem por diversas etapas do ciclo de vida. Erikson (1968), caracteriza a idade dos jovens adultos através do desequilíbrio emocional, repartido pela intimidade versus isolamento, onde o indivíduo busca criar relações próximas e significativas, recorrendo ao amor e compromisso como alicerces ao seu autocontrole e funcionamento social. Por sua vez, a aptidão para o envolvimento em relações íntimas associa-se, intimamente, com a estabilização da identidade pessoal. Outros autores, como Levinson (1986) e Arnett (2000), acrescentam que o início da idade adulta corresponde a uma fase de procura e definição de papéis, sejam estes profissionais ou afetivos. Nesse sentido, o conceito de *emerging adulthood* remete para este período como um intervalo, que ocorre depois da adolescência, mas que não alcança a idade adulta consolidada, devido à instabilidade experienciada, bem como à necessidade de exploração individual e relacional (Arnett, 2000). Em termos de relações amorosas, é nesta etapa que adquirem uma maior intensidade emocional permitindo, simultaneamente, um espaço de introspeção e aprendizagem interpessoal, enquanto na adolescência predomina o seu carácter exploratório (Lantagne & Furman, 2017). Em estudos longitudinais, como o de Xia et al. (2018), a fomentação de relações saudáveis e duradouras correlaciona-se com a maturidade emocional e capacidade de modular respostas emocionais. Ou seja, estabelecer uma relação amorosa ideal exige competências relacionais, como empatia, comunicação assertiva e soluções construtivas para eventuais desentendimentos. Além disso, estes aspetos vão evoluindo no tempo, de forma gradual, sendo modificados consoante o histórico de experiências passadas e modelos parentais assimilados (Xia et al., 2018).

Por sua vez, a Psicologia focou-se no estudo do conceito de qualidade relacional, uma vez que constitui um dos pontos fundamentais para o bem-estar conjugal. De um modo geral, este refere-se ao nível de satisfação, compromisso, intimidade e estabilidade notada pelos parceiros, num relacionamento, englobando diversas dimensões, desde emocionais, comportamentais e cognitivas (Fletcher et al., 2000; Rusbult, 1980).

A sua natureza é multidimensional, integrando componentes emocionais, comportamentais e cognitivas que se associam e interagem com o decorrer do tempo (Gottman & Silver, 1999; Sternberg, 1986). Rusbult (1980) apresentou o Modelo de Investimento, que demanda que, uma

relação estável e duradoura, procede da satisfação, do comprometimento e da percepção de alternativas. Inclusive, a presença de satisfação e compromisso nos indivíduos, tende a provocar maior resiliência perante obstáculos e maior adoção de estratégias para manter o relacionamento. Por outro lado, a Teoria Triangular do Amor de Sternberg (1986), confere que a qualidade relacional envolve a integração de três componentes, a intimidade, paixão e compromisso, de forma equilibrada, que divergem em intensidade, dependendo do estágio da relação e de experiências compartilhadas.

Outras investigações têm destacado que, ao contrário de relações que priorizam a escuta ativa, empatia e validação emocional, associadas a uma satisfação mais elevada, relacionamentos que optam pelo evitamento, crítica e desprezo, indicam instabilidade e rutura (Gottman & Silver, 1999). Igualmente, uma sexualidade controlada e a presença de intimidade sexual, resultam como contributos significativos para a interpretação de qualidade, além de serem constantemente referidos como indicadores de proximidade e conexão emocional entre os elementos do casal (Birnbaum, 2017).

Recentemente, a literatura começou a explorar de que modo fatores, como o contexto e a tecnologia, afetam estas componentes. Com o aumento da presença das tecnologias, do conteúdo digital e acesso rápido e fácil a conteúdos de natureza sexual online, a dinâmica relacional passou a integrar novas variáveis (Willoughby & Leonhardt, 2018). Huntington et al. (2020) introduziram que, a negociação do uso de pornografia dentro da dinâmica conjugal, pode influenciar, tanto positivamente como negativamente, a qualidade relacional, conforme o grau de transparência, partilha e consentimento sobre o mesmo. Um exemplo, refere que, quando o conteúdo de pornografia é consumido em conjunto, pode desencadear uma comunicação sexual e satisfação relacional mais harmoniosas e robustas, influenciando o diálogo e a exploração sexual recíproca (Willoughby & Leonhardt, 2018). Por outro lado, se a sua utilização é realizada a sós e ocultada dentro da relação, o estabelecimento de desconfiança é maior e a intimidade diminui, podendo desencadear sentimentos de exclusão ou percepções de infidelidade (Vaillancourt-Morel et al., 2024). Leonhardt et al. (2018) e Mestre-Bach & Potenza (2025b) também sublinham o desempenho das crenças morais e da religiosidade, mencionando-as como modeladoras na forma como o uso é percebido e em consequência, o seu efeito no relacionamento.

A Pornografia Online

A era da tecnologia veio, igualmente, conferir uma das formas mais anunciadas de expressão sexual, a pornografia online, caracterizada pelo seu acesso facilitado, possibilidade de anonimato e diversidade de conteúdos (Cooper, 1998). Mestre-Bach & Potenza (2025a) referiram que, com o avanço dos conteúdos digitais e da expansão de sistemas e plataformas interativas, a linguagem e aprendizagem sexual tiveram que se reinventar, permitindo o consumo imediato, individualizado e regularmente privado. Além disso, acompanhado da facilidade de acesso, ocorreu um aumento da normalização desse consumo, particularmente, em jovens adultos, transformando-se na realidade social e psicológica atual mais pertinente.

Ashton et al. (2019) caracterizaram Pornografia Online como um conteúdo de índole sexual, capaz de estimular, sexualmente, indivíduos que a usam, sendo desenvolvido e compartilhado com o consentimento de todos os envolvidos. Pode ocorrer de diversas formas digitais, incluindo redes sociais, sites, jogos e aplicações para *smartphone*, incluindo conteúdos de carácter visual, auditivo e envio de fotografias e/ou *selfies* de nudez e de cariz sexual, através de um dispositivo móvel (Manoel et al., 2020). A sua designação permite distingui-la da pornografia tradicional, devido ao seu carácter interativo e hiperpersonalizado, permitindo que o conteúdo seja apropriado aos interesses pessoais, gerando experiências imersivas (Mestre-Bach & Potenza, 2025a). Por sua vez, esta oferece uma ampla gama de possibilidades de exploração sexual, no entanto, também remete para a criação de expectativas irrealistas acerca do corpo, desempenho sexual e das relações afetivas (Komlenac & Hochleitner, 2021).

Existem motivações subjacentes ao consumo de pornografia online que, por sua vez, são bastante diversas, remetendo a curiosidade, prazer, aprendizagem, regulação e compensação emocional e tédio (Kohut et al., 2016; Maas et al., 2018). Estudos como os de Bóthe et al. (2020) e Mestre-Bach & Potenza (2025a) indicam que um consumo utilizado para fins de entretenimento e consensual, está fortemente associado a atitudes positivas e a uma vivência sexual mais vasta. Por outra perspetiva, se este consumo é utilizado como fonte de regulação emocional ou mecanismo de defesa, envolve-se com sentimentos de culpa, ansiedade e isolamento. Bóthe et al. (2020) sublinham, igualmente, a pertinência de diferenciar um uso frequente de um uso problemático de pornografia. Enquanto o uso habitual não se associa, forçosamente, a disfunções sexuais, a utilização problemática prediz dificuldades sexuais e afeta o bem-estar psicológico do indivíduo, principalmente, por desencadear perda de controlo e interferência no seu cotidiano. Ainda, os autores verificaram que, efeitos negativos do

consumo problemático manifestam-se em homens e mulheres de forma semelhante, inferindo a percepção de dependência como a principal causa.

No caso dos jovens adultos do género masculino, Andrade et al. (2024) observaram uma correlação entre o uso excessivo de pornografia e disfunções sexuais desencadeadas por fatores psicológicos, abrangendo disfunção erétil e ansiedade de desempenho. Os autores evidenciaram, também, que a exposição frequente a conteúdos explícitos de natureza sexual pode reduzir a adaptação e resposta a estímulos reais, sobretudo, quando estes se associam a uma educação sexual restrita e a pensamentos disfuncionais sobre o ato sexual. Por isso, este fenómeno demonstra que, um consumo descontextualizado e desmedido, pode influenciar, negativamente, a relação sexual e a saúde mental dos indivíduos. Não obstante, a literatura tem mostrado que as diferenças entre géneros se revelam um dos tópicos mais coerentes. Enquanto indivíduos do sexo masculino relatam, constantemente, um consumo maior e motivações, maioritariamente, sexuais, pessoas do género feminino revelam motivações mais emocionais e relacionais (Willoughby & Leonhardt, 2018). Ainda, estudos como o de Komlenac & Hochleitner (2021), apontam que homens têm uma tendência a vivenciar comparações sociais negativas no decorrer do consumo, interiorizando os corpos visualizados como o padrão ideal, contribuindo para a diminuição da sua autoestima e aumento da ansiedade sexual.

Outro fator de crescente relevância, refere-se à exposição de conteúdo pornográfico durante a adolescência. Investigações recentes sugerem que essa exposição precoce pode estar relacionada com uma maior tolerância a conteúdos de carácter sexual, sem restrições, e ao início prévio da atividade sexual, ainda que estes efeitos estejam dependentes da religião, contexto familiar e personalidade dos indivíduos. Por isso, revela-se importante compreender a contextualização do consumo, de forma a evitar generalizações (Mestre-Bach & Potenza, 2025a).

Por outro lado, o facto do consumo de pornografia ter-se normalizado, socialmente, bem como a partilha de experiências entre parceiros ter aumentado, o seu significado relacional tem vindo a moldar-se. Huntington, Markman e Rhoades (2020) observaram uma associação frequente entre o consumo de pornografia e uma comunicação e intimidade sexual mais profundas, ao passo que o consumo a sós e oculto encontra-se relacionado com um menor bem-estar relacional e afetivo. Complementarmente, a utilização problemática destes conteúdos pode revelar-se como propensa a desencadear comportamentos de infidelidade e conflito relacional, principalmente, quando este comportamento é encarado como reprovável ou quando o parceiro

não obteve conhecimento de que o mesmo se sucede (Mestre-Bach, G., & Potenza, M. N., 2025b).

A Pornografia e o Modelo Antecedentes, Contexto e Efeitos

O Modelo ACE foi desenvolvido por Leonhardt et al. (2018), como uma estrutura teórica que visa compreender, de forma mais aprofundada, o fenómeno de consumo de pornografia e que impactos acarreta nos indivíduos e nas relações amorosas. Parte do pressuposto de que os efeitos desse consumo não podem ser compreendidos a partir de uma única dimensão, nem de forma linear, mas que estão dependentes de diversos fatores que antecipam, acompanham e que ocorrem, posteriormente, ao comportamento de consumo. Os antecedentes remetem para características pessoais, culturais e situacionais, que precedem o uso da pornografia, como é o caso da idade, do género, religião, crenças morais, motivações e experiências prévias com conteúdos de natureza sexual (Leonhardt et al., 2018; Srivastava et al., 2022). Estes fatores influenciam a regularidade do consumo e o tipo de material utilizado, bem como as interpretações atribuídas ao ato de consumir. Leonhardt et al. (2018) referiram como exemplo que, pessoas provenientes de contextos mais conservadores, por norma, experienciam culpa ou conflito moral, o que pode modificar a forma como interpretam o impacto desse comportamento. Em termos de contexto, este envolve as circunstâncias em que o consumo se desempenha, o que inclui se este é solitário ou partilhado, se envolve o parceiro, o nível de diálogo sobre o tema e o papel que a pornografia adota na dinâmica do casal (Campbell & Kohut, 2017). Além disso, o modelo também realça que, o mesmo comportamento, pode desencadear diversos significados consoante o contexto relacional. Por exemplo, no caso do consumo partilhado, este predispõe uma maior intimidade e satisfação ao nível sexual, ao passo que um consumo, que seja ocultado, tende a associar-se a sentimentos de desconfiança e distanciamento (Campbell & Kohut, 2017; Srivastava et al., 2022). Como último integrante do modelo, os efeitos referem-se às consequências psicológicas, sexuais e relacionais, que resultam do consumo de pornografia, além de que possuem uma grande variabilidade emocional entre indivíduos. Tais variáveis podem incluir um aumento da excitação sexual e da comunicação íntima, como pode gerar conflitos face à perceção de dependência, expectativas que não correspondem à realidade ou diminuição da satisfação entre o casal (Leonhardt et al., 2018). Desse modo, o modelo ACE sugere que o impacto do consumo de pornografia é influenciado por uma multiplicidade de condições, com interação entre si, no caso, antecedentes individuais, contexto relacional e significados particulares (Leonhardt et al., 2018).

Pornografia e o seu Impacto na Qualidade Relacional

Estudos recentes têm vindo a revelar que o impacto do consumo de pornografia sobre a qualidade das relações é, igualmente, complexo, uma vez que este varia entre motivações, frequência e contexto de uso (Willoughby et al., 2015; Kohut et al., 2016). Outros autores referiram que, conteúdo pornográfico consumido em conjunto, pode estar relacionado com uma maior intimidade entre os parceiros, enquanto o consumo a sós, principalmente, quando é oculto, tende a envolver-se com níveis inferiores de satisfação conjugal e confiança (Kohut et al., 2016; Maas et al., 2018). Willoughby et al. (2015) observaram que, efeitos negativos revelam-se, praticamente, escassos, quando advêm de um consumo frequente, estimulado pela curiosidade ou prazer sexual recíproco, ao contrário de quando este consumo é motivado por técnicas de evitamento, tédio ou regulação emocional. Posteriormente, um estudo revelou que, quando o uso deste conteúdo é abordado entre os elementos do casal, tende-se a verificar uma maior proximidade emocional e menor divergência (Leonhardt et al., 2018).

Investigações longitudinais, como a de Kohut et al. (2016) e de Maas et al. (2018), expõem também que, o uso oculto de conteúdo pornográfico, está constantemente associado a uma menor satisfação conjugal, a longo prazo, principalmente, quando o parceiro desconhece a regularidade ou o tipo de conteúdo consumido. As perceções, relatadas como mais frequentes da ocultação do uso, envolvem traição, quebra de confiança e conflitos de interesses, sobretudo quando ocorre uma colisão entre os valores dos elementos do casal acerca da pornografia (Leonhardt et al., 2018). Além disso, estudos qualitativos também reforçam esses achados, comprovando que, o tipo de comunicação e negociação de regras implícitas acerca do tema, surgem como mediadores frequentes do impacto do consumo. Casais que abordam o tema de forma direta e clara demonstram conseguir incluir o consumo sem consequências negativas na intimidade do casal, ao passo que, em relações amorosas onde o assunto é evitado, a desconexão emocional revela-se predominante (Willoughby & Leonhardt, 2018; Maas et al., 2018).

Lacunas na Literatura e Pertinência do Estudo

O consumo de pornografia aplicado ao contexto relacional tem-se vindo a revelar um fenómeno complexo, devido aos resultados incoerentes alcançados pela literatura. Autores, como Huntington et al. (2020) e Willoughby & Leonhardt (2018), identificam efeitos positivos quando a utilização de conteúdo pornográfico é partilhada, tanto na intimidade, como na

comunicação entre o casal. Por outro lado, Vaillancourt-Morel et al. (2021) e Kohut et al. (2017) apontam para efeitos negativos associados, como diminuição de satisfação conjugal e desconfiança, quando o uso é realizado a sós e é ocultado dentro do relacionamento. Além disso, a diversidade de medidas utilizadas para aferir a qualidade relacional, como satisfação conjugal, comprometimento e intimidade, torna difícil a comparabilidade entre estudos, dificultando a criação de conclusões coerentes (Willoughby et al., 2015; Maas et al., 2021). Em termos metodológicos, também se verificam, predominantemente, estudos transversais, o que restringe a possibilidade de os compreender noutras dimensões, nomeadamente, temporais e relacionais (Campbell & Kohut, 2017). Mesmo em estudos longitudinais, o consumo é tratado de forma unidimensional, sem retratar aspetos como o horário de consumo, o modo (solitário e partilhado), o diálogo dentro do casal e a frequência, de forma conjunta (Huntington et al., 2020; Vaillancourt-Morel et al., 2021). Adicionalmente, a escassez de investigação sobre a temática é notável quanto ao contexto português. Castro e Lins (2020) relatam que, numa pesquisa realizada em 2020 em bases de dados internacionais, somente sete publicações foram encontradas com foco no tema em Portugal. Ainda, o mesmo estudo demonstrou que o género condiciona, significativamente, o sentido e as atitudes face ao conteúdo pornográfico, uma vez que os homens apresentam maior permissividade, comparativamente, com as mulheres. Esses resultados refletem a influência de normas tradicionais na expressão e vivência da sexualidade, na sociedade portuguesa, persistindo um duplo padrão sexual. Desse modo, o presente estudo visa colmatar estas lacunas, articulando uma abordagem mista, que possibilita analisar o impacto do consumo de pornografia online na qualidade relacional. A partir desta, considerou experiências, significados e dinâmicas relacionais dos consumidores portugueses, integrando as componentes teóricas do Modelo ACE (Leonhardt et al., 2018).

Questão de Investigação e Objetivos

O presente estudo teve como objetivo explorar, de forma ampla, a função do consumo de pornografia online na qualidade relacional de indivíduos em relações amorosas. Na sequência do mesmo, estabeleceu-se quatro objetivos específicos:

1. Analisar o consumo de pornografia online dos participantes;
2. Identificar as motivações subjacentes ao consumo de pornografia online;
3. Compreender a relação entre o horário de consumo e a dinâmica relacional;

4. Explorar as percepções de preconceito associadas ao consumo de pornografia entre géneros (feminino e masculino biológicos) e a sua influência na qualidade relacional.

Método

Desenho do Estudo

O presente estudo cumpriu com um delineamento misto, de carácter exploratório, transversal e correlacional (Freire & Patussi, 2018). O seu principal objetivo partiu da exploração do efeito do consumo de pornografia online na qualidade relacional de indivíduos, que se encontravam em relações amorosas, combinando um método quantitativo e qualitativo para compreender o fenómeno de forma mais abrangente, no contexto português. Além disso, os dados foram recolhidos num único momento e procurou-se identificar associações entre variáveis, sem relação de causa-efeito (Saylor Academy, 2012).

Participantes

CrITÉRIOS de Inclusão e Exclusão

O estudo contou com os seguintes critérios de inclusão: (1) Ter 18 anos de idade ou mais; (2) Residir em Portugal há, pelo menos, 1 ano; (3) Estar, atualmente, numa relação amorosa ou ter estado numa nos últimos seis meses; (4) Consumir conteúdo pornográfico online há, pelo menos, seis meses. Como critério de exclusão, não foram incluídos participantes que possuíam um diagnóstico de disfunção sexual, tendo em conta que qualquer condição poderia intervir na análise da variável “Consumo de Pornografia Online”.

Caracterização da Amostra

A amostra completa incluiu 73 participantes, com um intervalo de idades entre 19 e 54 anos de idade ($M = 30,11$; $DP = 10,02$), sendo que 67 representaram a amostra quantitativa e seis integraram a amostra qualitativa. Maioritariamente, a amostra é composta por indivíduos do sexo feminino, sendo os restantes do sexo masculino e um não binário. Grande parte identifica-se como heterossexuais (78,1%), encontra-se em relações de namoro (72,6%) e consomem pornografia online à noite (71,2%), das 18h às 24h. Também relataram consumir a sós (64,4%),

sendo que, na maioria dos casos, é do conhecimento do parceiro (65,8%). A tabela que se segue demonstra a caracterização de variáveis sociodemográficas.

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica da Amostra Total

Variável	N (%)
Gênero, n (%)	
Feminino	47 (64,4%)
Masculino	25 (34,2%)
Não Binário	1 (1,4%)
Orientação Sexual da Pessoa, n (%)	
Heterossexual	57 (78,1%)
Homossexual	4 (5,5%)
Bissexual	12 (16,4%)
Orientação Sexual da Relação, n (%)	
Heterossexual	66 (90,4%)
Homossexual	4 (5,5%)
Bissexual	2 (2,7%)
Outro	1 (1,4%)
Tipo de Relação, n (%)	
Namoro	53 (72,6%)
Casamento	20 (27,4%)
Quantidade de Relações, n (%)	
1	71 (97,3%)
2	1 (1,4%)
8	1 (1,4%)
Vive Sozinho, n (%)	
Sim	5 (6,8%)
Não	68 (93,2%)

Vive com Família, n (%)	
Sim	51 (69,9%)
Não	22 (30,1%)
Vive com o(a) Parceiro(a), n (%)	
Sim	30 (41,1%)
Não	43 (58,9%)
Vive com Amigos/Colegas, n (%)	
Sim	5 (6,8%)
Não	68 (93,2%)
Frequência Semanal de Consumo de Pornografia, n (%)	
< 1 vez	32 (43,8%)
1-2 vezes	24 (32,9%)
3-4 vezes	7 (9,6%)
5-6 vezes	6 (8,2%)
7 vezes	4 (5,5%)
Consumo de Pornografia de Manhã (6h-12h), n (%)	
Sim	11 (15,1%)
Não	62 (84,9%)
Consumo de Pornografia de Tarde (12h-18h), n (%)	
Sim	11 (15,1%)
Não	62 (84,9%)
Consumo de Pornografia de Noite (18h-24h), n (%)	
Sim	52 (71,2%)
Não	21 (28,8%)
Consumo de Pornografia de Madrugada (24h-6h), n (%)	

Sim	24 (32,9%)
Não	49 (67,1%)
Modo de Consumo, n (%)	
Sozinho(a)	47 (64,4%)
Acompanhado(a) do(a) Parceiro(a)	7 (9,6%)
Ambos	19 (26%)
Consumo de Vídeos/Filmes, n (%)	
Sim	68 (93,2%)
Não	5 (6,8%)
Consumo de Imagens, n (%)	
Sim	15 (20,5%)
Não	58 (79,5%)
Consumo de Sexting, n (%)	
Sim	14 (29,2%)
Não	59 (80,8%)
Consumo de Gifs, n (%)	
Sim	5 (6,8%)
Não	68 (93,2%)
Consumo de Webcams, n (%)	
Sim	1 (1,4%)
Não	72 (98,6%)
Outros Conteúdos, n (%)	
Sim	3 (4,1%)
Não	70 (95,9%)
Partilha que Consome com o(a) Parceiro(a), n (%)	
Partilhado	48 (65,8%)
Oculto	25 (34,2%)

Atividade Física, n (%)

Sim	47 (64,4%)
Não	26 (35,6%)

Tempo Semanal de Atividade Física, n (%)

N/A (Não Pratica)	27 (37%)
< 1 hora	1 (1,4%)
1-3 horas	27 (37%)
> 3 horas	18 (24,7%)

Saúde Física, n (%)

Muito Má	0
Má	0
Razoável	25 (34,2%)
Boa	40 (54,8%)
Muito Boa	8 (11%)

Saúde Mental, n (%)

Muito Má	1 (1,4%)
Má	3 (4,1%)
Razoável	21 (28,8%)
Boa	36 (49,3%)
Muito Boa	12 (16,4%)

Tempos Livres Sociais (estar com família/amigos), n (%)

Sim	65 (89%)
Não	8 (11%)

Tempos Livres de Lazer (ver TV/séries/filmes, jogar videojogos), n (%)

Sim	60 (82,2%)
Não	13 (17,8%)

Tempos Livres Físicos (Desporto), n (%)

Sim	38 (52,1%)
Não	35 (47,9%)
Tempos Livres Artísticos (ler, escrever, desenhar), n (%)	
Sim	44 (60,3%)
Não	29 (39,7%)
Outros Tempos Livres, n (%)	
Sim	3 (4,1%)
Não	70 (95,9%)

Material

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico integrou, primeiramente, uma introdução específica sobre o estudo. Esta, contou com a identificação dos integrantes, a instituição responsável, a questão de investigação, definição do conceito de Pornografia Online e o que abrange, os critérios de inclusão e exclusão. Além disso, também forneceu o consentimento informado, que reforçava a sensibilidade do estudo, o anonimato das respostas fornecidas, a confidencialidade dos dados, o direito de desistência a qualquer momento e um possível contacto em caso de dúvidas. O questionário conteve diversas questões, que permitiram a identificação do perfil dos indivíduos e dependendo das respostas dadas, os indivíduos eram redirecionados para secções específicas, que contavam com questões de filtragem, de forma a não excluir participantes e garantir a coerência com os critérios definidos. Maioritariamente, as questões eram de resposta fechada, especificamente, codificadas de forma numérica, para poderem ser analisadas no programa *IBM SPSS Statistics v30*. Por outro lado, algumas perguntas permitiram respostas abertas, de modo a obter respostas mais detalhadas e diversas. O formato e conteúdo completo do questionário sociodemográfico podem ser consultados no Anexo B.

Cyber Pornography Use Inventory-9 (CPUI-9; Cardoso et al., 2019)

O CPUI-9 é um inventário que pretende medir o uso problemático de conteúdo pornográfico online. É composto por três dimensões, divididas em nove itens, avaliados numa escala de

Likert de 1 (*de modo algum*) a 7 (*extremamente frequente*): 1. *Compulsividade Percebida* (itens 1, 2 e 3), 2. *Esforços de Acesso* (itens 4, 5 e 6) e 3. *Perturbação Emocional* (itens 7, 8 e 9). A versão portuguesa, utilizada neste estudo, foi publicada no *Journal of Sex & Marital Therapy* e demonstra uma boa consistência interna, com os seguintes valores de *Alfa de Cronbach*: Compulsividade percebida ($\alpha = .84$); Esforços de acesso ($\alpha = .76$); Perturbação emocional ($\alpha = .74$); Total da escala ($\alpha = .79$).

Entrevista Estruturada

O guião de entrevista foi composto por seis perguntas abertas: 1. "Que motivos o(a) conduzem a consumir pornografia?"; 2. "Qual é a sua experiência emocional quando consome pornografia?"; 3. "De que forma é que o horário escolhido para o consumo influencia a sua dinâmica relacional?"; 4. "Qual é a sua perceção sobre homens que consomem pornografia? E sobre mulheres?"; 5. "Que pensamentos surgem ao encarar a ideia de que o(s) seu(s) parceiro(s) consome(m) pornografia? De que forma é que esses pensamentos podem influenciar a sua relação?"; 6. "Por que optou por participar nesta entrevista?". Antes da realização das mesmas, eram feitas duas questões de confirmação, nomeadamente, "Pode fornecer o número pelo qual está a ligar?" e "Qual é a sua idade?", não recolhendo mais nenhum dado identificativo adicional.

Procedimento

A recolha de dados teve início em setembro de 2024, através da partilha de um questionário sociodemográfico, formado através da plataforma *Google Forms*, em diversas redes sociais, como o *Instagram*, *LinkedIn*, *Facebook*, *Discord* e *Reddit*, em formato de *flyers* digitais (Anexo D). Estes possuíam a indicação dos critérios de inclusão, *QRCode* que conduzia diretamente ao questionário e um possível contacto em caso de dúvidas. Recorreu-se, igualmente, à técnica de amostragem em "bola de neve", permitindo um maior alcance da população pretendida, por se revelar de difícil acesso (Bockorni & Gomes, 2021). Em ambos os casos, a recolha de respostas foi totalmente anónima e voluntária, não contando com qualquer compensação financeira. Ainda, como tentativa final de obter um maior número de participantes, ocorreu o envio de emails para várias instituições de ensino superior, com o intuito de poder divulgar os *flyers* nos estabelecimentos de ensino, porém sem sucesso de concretização (Anexo E).

Ao entrar no questionário, os participantes eram confrontados com um Consentimento Informado, explicitando quais os objetivos do estudo, garantindo o anonimato das respostas fornecidas e a confidencialidade dos dados e ainda destacando o direito de desistência a qualquer momento. Após a leitura e confirmação do mesmo e de responder às diversas questões, podiam escolher entre as duas modalidades de participação, no caso: 1. Preenchimento do instrumento CPUI-9, integrando a amostra quantitativa, ou 2. Participar de uma entrevista estruturada via telefone, pertencendo à amostra qualitativa. Esse procedimento ocorria quando o participante se deparava com a questão “Está disponível para participar numa entrevista via telemóvel para aprofundar este estudo?”, integre a meio do questionário. Se não aceitasse ser entrevistado, era direcionado para o preenchimento do *Cyber Pornography Use Inventory-9* (CPUI-9), integrando a amostra quantitativa e avançando, posteriormente, com o cumprimento das restantes perguntas demográficas. Caso contrário, era pedido o contacto telefónico para posterior ligação e agendamento da entrevista, bem como era informado que este seria eliminado após a conclusão da mesma, passando a alocar-se na amostra qualitativa. Esta foi realizada via telemóvel, destinada a explorar temas como motivações para o consumo de pornografia, perceções individuais sobre o consumo e o impacto nos relacionamentos. Nenhum dos indivíduos respondeu a ambos os instrumentos, inclusive, quem concordou com a entrevista, não tomou conhecimento do CPUI-9. O tempo médio de preenchimento do questionário sociodemográfico completo variou entre 10 e 15 minutos. Ainda, a decisão de recorrer a entrevistas por telefone pretendeu garantir o conforto e privacidade dos participantes, sendo que, cada entrevista obteve uma duração, em média, de 10 a 15 minutos.

Por sua vez, o desfecho da recolha de amostra ocorreu em julho de 2025, através da eliminação de todas as publicações realizadas, dos contactos telefónicos dos indivíduos e do *link* de acesso ao questionário. Dessa forma, este estudo cumpriu com as normas éticas e deontológicas da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP), garantindo o respeito pela integridade e confidencialidade dos participantes.

Análise de Dados

Amostra Quantitativa

A componente quantitativa foi analisada a partir do programa *IBM SPSS Statistics*, versão 30, com o intuito de responder ao primeiro objetivo específico deste estudo (1. Analisar o consumo de pornografia online dos participantes).

Primeiramente, foi realizada a análise descritiva dos dados sociodemográficos e pontuações adquiridas no CPUI-9, através do cálculo de frequências absolutas (n) e percentagens (%), referentes às variáveis categóricas, bem como das médias (M), desvios-padrão (DP) e valores mínimos e máximos, no caso das variáveis contínuas.

De seguida, foram verificados os pressupostos de normalidade e ausência de valores extremos. De acordo com os resultados obtidos nos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, todas as variáveis contínuas analisadas demonstraram desvios à normalidade ($p < .001$). Não obstante, uma vez que a dimensão da amostra é superior a 30 participantes ($n = 67$), evocou-se a Teoria do Limite Central, de modo a justificar o uso de testes paramétricos. De acordo com a mesma, a distribuição amostral tem tendência a aproximar-se da normalidade, conforme o aumento do tamanho da amostra, independentemente, do formato da distribuição original dos dados (Marôco, 2018; Kwak & Kim, 2017).

A confiabilidade interna do instrumento CPUI-9 foi analisada através do alfa de Cronbach, considerando-se valores iguais ou superiores a $.70$, como indicadores de consistência adequada (Pestana & Gageiro, 2015).

Posteriormente, foi realizada uma correlação de Pearson, com o intuito de verificar uma possível relação entre a idade dos participantes e as dimensões do CPUI-9, tendo em conta um nível de significância de $p < .05$.

Amostra Qualitativa

A análise qualitativa foi examinada através da análise temática de carácter indutivo, em conformidade com o procedimento sugerido por Braun e Clarke (2006). O processo conferiu a identificação de padrões de significado nas respostas dos participantes, interligados com três objetivos específicos deste estudo: (1) Identificar as motivações subjacentes ao consumo de pornografia online; (2) Compreender a relação entre o horário de consumo e a dinâmica relacional; (3) Explorar as perceções de preconceito associadas ao consumo de pornografia entre géneros biológicos e a sua influência na qualidade relacional. Estes foram articulados com as componentes teóricas do Modelo ACE de Leonhardt et. al (2018), que serviram de referencial teórico para a compreensão dos resultados: os antecedentes refletiram-se nas motivações e significados concedidos ao consumo, o contexto foi revelado no modo e contexto em que este ocorre (como o horário e a partilha com o parceiro) e os efeitos surgiram das perceções de impacto e julgamento social relacionados com o comportamento. De modo a reforçar a validade

desta análise, foram verificados os excertos e os temas identificados, garantindo que as interpretações corresponderem, fielmente, às respostas originais das entrevistas e enquadramento teórico do estudo. Apesar do número reduzido de participantes não permitir confirmar uma saturação teórica plena, constatou-se a repetição de padrões e significados em temas específicos, como as referências ao horário de uso de pornografia e à normalização do comportamento, o que sugere estabilidade na informação recolhida. Igualmente, foi confirmada a consistência entre os dados e os temas emergentes por meio das releituras das transcrições, seguindo a metodologia de Braun e Clarke (2006).

Inicialmente, foram lidas e transcritas as respostas das entrevistas. De seguida, realizou-se uma codificação manual das respostas, no caso, frases proferidas nas entrevistas estruturadas, em unidades de registo pertinentes e frequentes, de acordo com os objetivos em estudo: (1) Motivações para o consumo de conteúdo pornográfico online, (2) Contexto e experiência emocional associados ao uso e (3) Perceções sobre o impacto do consumo na relação. A partir desta codificação, agruparam-se os excertos em temas e subtemas, possibilitando a observação da convergência e variedade das experiências expressas pelos participantes. A análise serviu como forma de aprofundar e integrar os resultados quantitativos, possibilitando uma compreensão mais ampla de quais são as motivações, perceções e dinâmicas relacionais aliadas ao consumo de pornografia online.

Resultados

Objetivo 1: Análise do Consumo de Pornografia Online dos Participantes

Estatísticas Descritivas do CPUI-9

Para responder ao primeiro objetivo específico, começou-se por analisar a fiabilidade do instrumento. Este manifestou uma boa consistência interna na amostra total ($\alpha = .78$), indicando uma fiabilidade apropriada para os nove itens (Anexo A1).

Posteriormente, procedeu-se à realização da análise descritiva dos itens (1-9) e subescalas do instrumento (Compulsividade Percebida, Esforços de Acesso e Perturbação Emocional), possuindo as médias (M), desvios-padrão (DP), valores mínimos e máximos obtidos, representados na Tabela 2.

De um modo geral, as pontuações médias resultantes nas três componentes do CPUI-9 revelam níveis baixos de Compulsividade Percebida ($M = 5.29$; $DP = 2.97$), de Esforços de Acesso (M

= 3.20; $DP = 1.51$) e Perturbação Emocional ($M = 4.85$; $DP = 3.41$). Para o instrumento completo (CPUI-9), a média global foi de 15.17 ($DP = 6.33$), dividindo-se numa média de 1.68 por item.

Tabela 2 - Estatísticas Descritivas do CPUI-9

Variável	Mín.	Máx.	M	DP
CPUI-1	1	6	2.45	1.49
CPUI-2	1	5	1.91	1.26
CPUI-3	1	6	1.70	1.30
CPUI-4	1	3	1.06	0.30
CPUI-5	1	4	1.31	0.72
CPUI-6	1	7	2.49	1.86
CPUI-7	1	7	1.88	1.56
CPUI-8	1	6	1.42	0.94
Compulsividade Percebida	2.33	14.67	5.29	2.97
Esforços de Acesso	2.33	9.00	3.20	1.51
Perturbação Emocional	2.33	15.33	4.85	3.41
Total CPUI-9	8.11	32.67	15.17	6.33

Nota. M = Média; DP = Desvio Padrão; Mín. = Mínimo; Máx. = Máximo.

Correlação entre Idade e Consumo Problemático de Pornografia

Adicionalmente, com o propósito de complementar a o primeiro objetivo e testar a segunda hipótese do estudo, recorreu-se à realização de uma correlação de Pearson entre a idade dos participantes e o consumo problemático de pornografia. Os resultados demonstraram uma correlação negativa e estatisticamente significativa entre ambos, $r(67) = -.28$, $p = .020$. Dessa forma, é possível interpretar que indivíduos com idades inferiores, apresentam níveis mais

elevados de comprometimento ou percepção do uso problemático de conteúdo pornográfico online, contrariamente, a participantes com idades mais elevadas.

Tabela 3 - Correlação de Pearson entre a Idade e o Consumo Problemático de Pornografia

Variáveis	r de Pearson	Sig. (bilateral)	N
Idade × CPUI-9 Total	-.28*	.020	67

Nota. coeficiente de correlação de Pearson; * $p < .05$ indica significância estatística.

Em síntese, os resultados da análise indicaram que o consumo de pornografia online é, maioritariamente, percebido como controlado e não problemático, por parte dos participantes. Por sua vez, demonstraram que esse envolvimento com o conteúdo diminui, tendencialmente, com o aumento da idade.

6.2. Objetivos 2, 3 e 4: Exploração de Motivações, Dinâmica Relacional e Percepções de Preconceito

A abordagem dos objetivos específicos 2, 3 e 4, através da análise temática indutiva realizada para a amostra qualitativa deste estudo ($n = 6$), resultou em três temas centrais, que correspondem às componentes do Modelo ACE (Leonhardt et al., 2018), sendo estes: 1. Motivações para o consumo de pornografia, 2. Contexto e experiência emocional ligados ao consumo e 3. Percepções e atitudes face ao consumo pelo parceiro. No decorrer da mesma, surgiu um quarto tema, que identifica efeitos consequentes do consumo de conteúdo pornográfico. A síntese das categorias e subcategorias, seguida dos exemplos representativos, encontra-se no Anexo B3.

Objetivo 2: Tema 1 - Motivações para o Consumo de Pornografia

Os participantes referiram diversas razões para o consumo de conteúdo pornográfico, com principal destaque para desencadear autoprazer e satisfação sexual. Maioritariamente, referiram-se ao consumo como uma forma de bem-estar e exploração individual, que surge de forma espontânea e regular:

- *“Utilizo como forma de satisfação imediata e ajuda-me a fantasiar.”* (Sara, Mulher, 27 anos);
- *“Normalmente para ter autoprazer e satisfação.”* (Inês, Mulher, 25 anos).

Por outro lado, em termos contextuais, houve indivíduos que mencionaram consumir como estratégia sexual em ocasiões em que o parceiro(a) não está presente, no caso, numa relação à distância, ou como combate ao tédio:

- *“Encontro-me num relacionamento à distância, daí recorrer à pornografia.”* (Mariana, Mulher, 25 anos);
- *“Visito sites ou vejo vídeos que me enviam, às vezes só para passar o tempo.”* (João, Homem, 47 anos).

Outro caso, relatou a utilização de pornografia como inspiração ou estímulo para inovação sexual, associados à partilha entre o casal:

- *“Gostar de sexo e poder inovar na minha relação amorosa.”* (Susana, Mulher, 39 anos).

Em geral, revelou-se que o consumo de pornografia online está, essencialmente, associado à busca de prazer, satisfação sexual e curiosidade. Em casos específicos, é utilizado como estratégia para lidar com a distância física do parceiro, ou como forma de entretenimento e inovação da prática sexual conjunta. Além disso, os participantes descrevem o consumo como uma ação espontânea e inserida na vida íntima, sem implicar problematização ou compulsão.

Objetivo 3: Tema 2 - Efeitos Percebidos nas Relações Amorosas

Dentro da dinâmica relacional, todos os participantes afirmaram que o horário optado para a utilização de pornografia não interfere na relação, tendo em conta que esta ocorre na ausência de momentos de intimidade do casal:

- *“Não afeta nada entre nós, porque só vejo quando não estamos juntos.”* (Sara, 27 anos);
- *“Não afeta, pois consumo quando não estamos em videochamada ou juntos”* (Mariana, Mulher, 25 anos).

Além disso, um dos participantes mencionou, especificamente, ter dificuldade em dar conhecimento sobre o consumo à parceira, por receio:

- *“Ela não tem conhecimento de que consumo, tenho receio de contar, pois segue uma religião específica.”* (João, Homem, 47 anos).

Outro caso referiu que a partilha desse consumo como algo positivo e integrador:

- *“Consumimos juntos, por vezes fazemos partilha de ecrã e vemos.”* (Susana, Mulher, 39 anos)

O horário escolhido, por parte dos participantes, demonstrou que existe uma tendência pela procura do consumo de pornografia em períodos de ausência do parceiro, não sendo percecionado como um interferente no relacionamento. Ainda assim, a forma como o uso é gerido e comunicado revelou-se decisiva, uma vez que, quando partilhado e abordado, é visto como um elemento integrador, ao passo que, quando é mantido em segredo, consegue gerar desconforto ou receio. Desse modo, o nível de diálogo e confiança revela-se crucial para a influência do consumo na relação.

Objetivo 4: Tema 3 - Perceções e Atitudes face ao Consumo pelo Parceiro

Quando encarada a possibilidade do(a) parceiro(a) consumir conteúdo pornográfico, todos os indivíduos consideraram algo normal, atendendo à condição de que não ocorra excessivamente e que não prejudique a relação:

- *“Acho perfeitamente normal, principalmente se houver conversa e não interferir na relação.”* (Mariana, Mulher, 25 anos);
- *“Não sei se ele consome, mas penso que é algo normal, desde que não prejudique no nosso relacionamento.”* (Marta, Mulher, 31 anos)

Além disso, houve dois participantes que reconheceram a estigmatização por parte da sociedade sobre o consumo feminino, interligando-o com comportamentos menos aceitáveis e capazes de ferir a moral:

- *“Algo natural, apesar da sociedade ter mais estigma.”* (Sara, Mulher, 27 anos);
- *“Para verem algo que elas não são capazes de fazer talvez por pudor”* (João, Homem, 47 anos).

Os indivíduos expressam uma visão de aceitação face ao uso de pornografia por parte do parceiro, com a exceção de que este se torne excessivo ou prejudique o relacionamento. Porém, persiste um estigma social evidente, interligado ao consumo feminino, associando-se a

juízos morais. Assim, as perspectivas demonstram que, normas culturais e de género, moldam a forma como o consumo é percebido e abordado dentro do contexto das relações.

Tema 4 - Contexto e Experiência Emocional Associada ao Consumo

Nesta amostra, a maioria dos participantes mostrou consumir conteúdo de natureza sexual a sós e em privado, sem contar com a participação do parceiro. Em termos emocionais, revelaram experienciar prazer e satisfação, porém também sentimentos de culpa, desconforto ou carência:

- “*A experiência emocional é de prazer, bastante satisfatória.*” (Sara, Mulher, 27 anos);
- “*Sinto uma profunda carência, às vezes é isso que me leva a ver.*” (Marta, Mulher, 31 anos).

Noutro caso, um dos participantes revelou experienciar emoções negativas, face a conteúdos que lhe pareceram irrealistas e degradantes:

- “*Às vezes fico surpreendido com a degradação humana que aparece nos vídeos.*” João, Homem, 47 anos).

Os resultados apontam que, o consumo ocorre, predominantemente, de forma individual e solitária, associado a uma experiência emocional contraditória. Embora grande parte dos indivíduos refere prazer e satisfação, alguns relatam experienciar sentimentos de culpa, desconforto e carência afetiva. Estas reações reforçam que o uso de pornografia é motivado por fatores emocionais e contextuais, refletindo tanto a procura de gratificação, quanto a tensão desencadeada entre o prazer e os princípios morais, socialmente, aprendidos.

7. Discussão

Os resultados obtidos nesta investigação revelaram-se pertinentes para compreender, de forma mais abrangente e contextualizada, o consumo de pornografia online e o seu efeito sobre a qualidade relacional.

Objetivo 1: Consumo de Pornografia Online dos Participantes

De um modo geral, as médias baixas nas três subdimensões do CPUI-9 revelam que os indivíduos entendem o seu consumo como controlado e não problemático. A média global do instrumento ($M = 15.17$; $DP = 6.33$), resultando numa média por item de 1.68, reafirma essa tendência, propondo que, na amostra em estudo, a utilização de conteúdo pornográfico não se

apresenta, maioritariamente, interligada a sentimentos de perda de controlo, sofrimento emocional ou necessidade compulsiva. Observaram-se resultados semelhantes no estudo de validação do instrumento para a amostra portuguesa, onde a média geral por item ronda em torno de 1.47 pontos (Cardoso et al., 2019) em amostras não clínicas. Por isso, as pontuações médias descobertas neste estudo enfatizam a consistência com a investigação existente, refletindo um perfil de consumo de pornografia caracterizado por baixa compulsividade percebida, reduzido esforço de acesso e fraca perturbação emocional associada.

Investigações anteriores comprovam, na mesma linha, que o consumo de pornografia, ocorrido em níveis razoáveis e envolvidos na vida sexual dos indivíduos, não se associa, por norma, a resultados conjugais negativos (Kohut et al., 2016; Huntington et al., 2020). Inclusive, alguns estudos afirmam que a pornografia pode desempenhar uma função exploratória, de curiosidade ou como estímulo sexual em relações amorosas, (Willoughby & Leonhardt, 2018). Então, os resultados evidenciados nesta investigação aparentam reforçar a pertinência de perceber o consumo de pornografia como um fenómeno pluridimensional, que é influenciado pelas intenções, contexto e sentidos que cada indivíduo lhe concede.

A correlação negativa e estatisticamente significativa entre a idade e o Consumo Problemático de Pornografia insinua que, indivíduos mais jovens, tendem a apresentar níveis mais altos de consumo ou de envolvimento com conteúdos pornográficos online. É um resultado que se apresenta em conformidade com a literatura, que reconhece que, faixas etárias mais jovens, apresentam maior nível de exposição e familiaridade com conteúdos sexuais de acesso digital (Willoughby et al., 2015; Bóthe et al., 2020). Essa associação confere, como formas de expressão sexual, fatores geracionais, bem como a introdução precoce das tecnologias na vida diária e a normalização em termos culturais da pornografia. Contrariamente, a diminuição do consumo percebido em idades mais elevadas, pode relacionar-se com alterações nas preferências relacionais, na frequência sexual ou nas responsabilidades familiares (Leonhardt et al., 2018).

Objetivo 2: Motivações para o Consumo

A perspetiva anterior é complementada pelos resultados qualitativos, nomeadamente, acerca das motivações que antecedem o consumo de pornografia online. Dados qualitativos revelaram diversos estímulos que conduzem à procura desse tipo de conteúdo, nomeadamente, curiosidade sexual, procura por excitação ou regulação emocional. Estas, por sua vez, coincidem com literatura anterior, nomeadamente, pela interpretação do Modelo ACE, que destaca que o

consumo não deve ser conceituado apenas como patológico ou compulsivo, mas como uma reação a necessidades individuais e relacionais (Leonhardt et al., 2018). Por isso, a análise sugere que, apenas a frequência ou a quantidade do consumo não devem ser reconhecidas como os únicos indicadores pertinentes, mas também o sentido atribuído ao ato e o contexto da relação em que ele sucede.

Objetivo 3: Horários de Consumo e Impacto na Relação Amorosa

Alguns participantes referiram que fazem uso do conteúdo pornográfico em momentos de grande privacidade, nomeadamente, durante o período noturno ou em ocasiões de afastamento do parceiro. Esta tendência alinha-se com estudos, que fazem uma associação entre o consumo solitário e necessidades de autorregulação emocional e de evasão do stress quotidiano (Willoughby et al., 2015; Maas et al., 2018). Contudo, algumas investigações também sugerem que essa influência do horário de consumo varia conforme o grau de comunicação e abertura entre os parceiros (Leonhardt et al., 2018), concordando com os pressupostos do Modelo ACE, que enfatiza o contexto e a intenção subjacente do comportamento.

Objetivo 4: Preconceito Associado ao Consumo

Igualmente, o contributo pertinente da análise qualitativa, foca-se nas perceções de preconceito e tabu social. Apenas um indivíduo referiu constrangimento acerca de discutir o tema com a parceira, porém, em concordância com outro participante, referiram estigmatização por parte da sociedade sobre o consumo de pornografia por parte de mulheres. Esse aspeto revela-se, essencialmente, relevante no contexto da cultura portuguesa, tendo em conta que a sexualidade permanece, em muitos casos, a ser experienciada sobre normas de discrição (Santos, 2004). Esta tensão entre a normalização do consumo e o estigma social em volta da comunicação aberta, pode explicar a existência de sentimentos ambíguos.

Em Síntese

Os participantes descreveram a utilização de conteúdo pornográfico como normativo, à exceção de que esse consumo pudesse interferir com o vínculo afetivo ou substituir a intimidade do casal. Não obstante, o consumo ocultado ou interpretado como segredo, na maioria dos casos, pode indicar algum nível de distanciamento emocional ou desconforto relacional. Estes aspetos confirmam os resultados de Willoughby e Leonhardt (2018) e de Maas et al. (2018), que relatam que a transparência no diálogo acerca do tema, atenua os possíveis efeitos negativos e reforça a noção de autenticidade no relacionamento. Ainda, a análise temática contribuiu para a identificação de quatro temas de significados conferidos ao consumo: 1. Motivações para o

consumo de pornografia; 2. efeitos percebidos nas relações amorosas; 3. Percepções e atitudes face ao consumo pelo parceiro; 4. Contexto e experiência emocional associada ao consumo. Então, estes resultados reforçam que o impacto do consumo de conteúdo pornográfico não é explicado, meramente, pela frequência do uso, mas também pelo contexto e pelas estratégias psicológicas que esse comportamento executa.

Por sua vez, estes correspondem às dimensões principais do Modelo ACE (Leonhardt et al., 2018). Na sua ótica, os antecedentes modificam a forma como o indivíduo se compromete com a pornografia e analisa os seus efeitos, o contexto determina se a utilização é encarada como enriquecedora ou conflituosa e os efeitos revelam-se de natureza variável, podendo atingir o aumento da intimidade e do prazer sexual, ou alcançar sentimentos de culpa ou afastamento emocional (Leonhardt et al., 2018).

A coerência entre os resultados desta investigação e as hipóteses conferidas pelo Modelo ACE, valida a utilidade desta estrutura para interpretar as diversas experiências observadas na amostra portuguesa.

Limitações

É notória a presença de limitações inerentes ao desenho e à amostragem deste estudo. O facto de se ter recorrido à utilização da técnica de bola de neve, pode ter introduzido enviesamentos associados à autosseleção, dado que os participantes com maior abertura para abordar o tema, podem diferir da restante população. Outra limitação evidente, revela-se no tamanho, relativamente, reduzido e na composição não probabilística da amostra, uma vez que impedem a generalização dos resultados. Esta ocasião limitou, igualmente, a realização de análises inferenciais mais profundas, como correlações adicionais entre variáveis sociodemográficas e consumo de conteúdo pornográfico. A natureza transversal do estudo também se revelou limitadora, condicionando inferências causais entre as variáveis, tendo em conta a sua observação realizada num momento específico da experiência relacional. Acerca da amostra qualitativa, apesar da realização adequada ao método de uma análise temática, esta apenas foi constituída por seis participantes, reduzindo a representação e diversificação de possíveis perspetivas. Acrescido a isso, os dados recolhidos a partir de autorrelatos podem implicar enviesamentos relacionados com o que é desejável, socialmente, sobretudo numa temática sensível como a pornografia e o seu consumo.

Implicações e Recomendações Futuras

Primeiramente, o estudo demonstra que o uso de pornografia online, quando envolvido de forma consciente e comunicada dentro da relação, tende a ser visto como natural e não problemático. Essa verificação enfatiza a necessidade de abordar o tema com menor discriminação social, reconhecendo as diversas motivações e interpretações que os indivíduos lhe atribuem. Também a associação negativa entre a idade e o consumo problemático de pornografia indica que, gerações mais jovens, tendem a apresentar uma percepção mais elevada de compulsividade e perturbação emocional associadas à utilização, o que remete para uma exposição digital mais elevada ou menor autoconfiança face à sexualidade. Tal implicação demonstra a importância de ponderar fatores etários em medidas de precaução e promoção de saúde sexual. Ainda, a análise qualitativa mostrou que, o modo como o consumo é comunicado e incluído na relação, influencia o seu sentido e impacto, o que conduz à importância de promover a comunicação conjugal e o entendimento mútuo acerca deste comportamento. Desse modo, este trabalho oferece contributos para uma compreensão mais ampla do fenómeno, em termos psicológicos e relacionais, destacando a pertinência de abordagens que ponderem os significados individuais e o contexto interpessoal.

Como recomendações para investigações futuras, destaca-se a pertinência em replicar o estudo com amostras mais abrangentes e diversificadas, envolvendo a perspectiva de ambos os parceiros e levando em consideração o consumo de pornografia ao longo do ciclo de vida relacional. Seria também, de grande relevância, integrar medidas complementares acerca da comunicação conjugal, satisfação sexual e significados atribuídos ao consumo, de forma a compreender, mais detalhadamente, a influência da pornografia na qualidade relacional.

Conclusão

Este estudo teve como finalidade compreender o efeito do consumo de pornografia online na qualidade relacional de indivíduos em relações amorosas, através de uma abordagem mista, transversal e correlacional.

Em relação ao primeiro objetivo, a análise do CPUI-9 mostrou níveis baixos de compulsividade percebida, esforço de acesso e perturbação emocional, insinuando um perfil de consumo controlado e não problemático. Ainda, obteve-se uma correlação negativa, estatisticamente, significativa entre a idade e o consumo problemático de pornografia, o que demonstra que os participantes mais jovens possuem, tendencialmente, um maior envolvimento e percepção de consumo. No que concerne ao segundo objetivo, as entrevistas revelaram que, a utilização de

pornografia é motivada, essencialmente, por autoprazer, satisfação sexual e curiosidade e definida como uma prática usual e integrada no quotidiano. Em determinados casos, o consumo emerge como uma estratégia de autorregulação emocional, perante o distanciamento do parceiro ou o tédio, ou como uma fonte de inovação e estimulação sexual. Desse modo, o comportamento é experienciado, maioritariamente, de forma adaptativa e contextual, sem indicação de compulsividade. Relativamente ao terceiro objetivo, foi possível observar que o horário e o contexto da utilização de pornografia não interferem no relacionamento, tendo em conta que os participantes referiram recorrer a conteúdos pornográficos quando não se encontram com o parceiro ou fora de momentos de intimidade conjugal. Todavia, verificou-se que a comunicação e nível de abertura com o parceiro moldam a interpretação do consumo, sendo que, quando assumido, é encarado de forma favorável e neutra, mas quando ocultado, pode proporcionar desconforto e medo de julgamento. No quarto objetivo, as entrevistas confirmaram diferentes perceções de preconceito entre géneros. Em geral, o consumo foi normalizado por parte dos participantes, com a condição de que não interferisse no relacionamento e ocorresse dentro dos limites entendidos como equilibrados. No entanto, os estigmas sociais e morais mantêm-se presentes, especificamente, quando se trata de consumo feminino, que é associado a comportamentos menos aceitáveis. Além disso, revelou que o consumo de conteúdos pornográficos é um fenómeno que engloba múltiplas dimensões, variando de acordo com motivações individuais, o diálogo entre o casal e o contexto sociocultural. Os resultados corroboram a ideia de que, o impacto dessa utilização na relação amorosa, está associado ao significado atribuído e à abertura comunicacional entre parceiros.

Em suma, este trabalho conclui que o consumo de conteúdo pornográfico online, em Portugal, é amplamente normalizado e percecionado como uma prática sexual incorporada na vida íntima. Além disso, o seu impacto nas relações depende, essencialmente, do significado concedido e da qualidade da comunicação entre os elementos do casal. Os resultados reforçam o Modelo ACE (Leonhardt et al., 2018), destacando que o uso deve ser interpretado com base na interação entre antecedentes individuais, contexto relacional e efeitos percebidos e com este estudo sublinha-se a pertinência de promover uma educação sexual e comunicacional, que possibilite a discussão sobre o tema com transparência e sem moralização, contribuindo para relações mais duradouras e equilibradas.

Referências

- Andrade, I. M., Mota, L. H. S., Mendes, A. dos S., Paz, C. T. da, Silva, J. C. da, Passos, N. C. R., & Almeida, T. S. C. de. (2024). Educação sexual, pornografia e os impactos psicogênicos na disfunção erétil em homens cisgêneros jovens adultos. *Caderno Pedagógico*, 21(7), e5809. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n7-152>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Ashton, S., McDonald, K., & Kirkman, M. (2019). What does ‘pornography’ mean in the digital age? Revisiting a definition for social science researchers. *Porn Studies*, 6(2), 144–168. <https://doi.org/10.1080/23268743.2018.1544096>
- Birnbaum, G. E. (2017). The Fragile Spell of Desire: A functional perspective on changes in sexual desire across relationship development. *Personality and Social Psychology Review*, 22(2), 101–127. <https://doi.org/10.1177/1088868317715350>
- Bockorni, B. R. S., & Gomes, A. F. (2021). A AMOSTRAGEM EM SNOWBALL (BOLA DE NEVE) EM UMA PESQUISA QUALITATIVA NO CAMPO DA ADMINISTRAÇÃO. *Revista De Ciências Empresariais Da UNIPAR*, 22(1). <https://doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346>
- Böthe, B., Tóth-Király, I., Griffiths, M. D., Potenza, M. N., Orosz, G., & Demetrovics, Z. (2020). Are sexual functioning problems associated with frequent pornography use and/or problematic pornography use? Results from a large community survey including males and females. *Addictive Behaviors*, 112, 106603. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2020.106603>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Campbell, L. & Kohut, T. (2017). The use and effects of pornography in romantic relationships. *Current Opinion in Psychology*, 13, 6-10. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.004>
- Cardoso, J., Ramos, C., & Almeida, T. (2019). Portuguese version of the Cyber Pornography Use Inventory-9: Psychometric properties and gender invariance. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 45(7), 594–603. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2019.1594477>

- Castro, R., & Lins, S. (2020). Gender, meanings and consumption of pornography in Portugal: A mixed study. *New Trends in Qualitative Research*, 3, 162–174. <https://doi.org/10.36367/ntqr.3.2020.162-174>
- Cooper, A. (1998). Sexuality and the Internet: Surfing into the new millennium. *CyberPsychology & Behavior*, 1(2), 187–193. <https://doi.org/10.1089/cpb.1998.1.187>
- Engelkamp, E., Lindberg, E., & Córdova, J. V. (2024). “We Felt Emotionally Closer:” A Qualitative Study of Couples’ Communication about Pornography Use. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 50(2), 152–170. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2023.2267546>
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. W. W. Norton & Company.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(3), 340–354. <https://doi.org/10.1177/0146167200265007>
- Freire, M. C. M., & Pattussi, M. P. (2018). *Tipos de estudos*. IN Estrela, C. Metodologia científica (pp. 109-127).
- Gola, M., Wordecha, M., Sescousse, G., Lew-Starowicz, M., Kossowski, B., Wypych, M., Makeig, S., Potenza, M. N., & Marchewka, A. (2017). Can Pornography be Addictive? An fMRI Study of Men Seeking Treatment for Problematic Pornography Use. *Neuropsychopharmacology: official publication of the American College of Neuropsychopharmacology*, 42(10), 2021–2031. <https://doi.org/10.1038/npp.2017.78>
- Gottman, J. M. & Silver, N. (1999). *The seven principles for making marriage work*. Crown Publishers.
- Grubbs, J. B., Volk, F., Exline, J. J., & Pargament, K. I. (2015). Internet pornography use: perceived addiction, psychological distress, and the validation of a brief measure. *Journal of sex & marital therapy*, 41(1), 83–106. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2013.842192>
- Huntington, C., Markman, H., & Rhoades, G. (2020). Watching pornography Alone or together: Longitudinal associations with romantic relationship quality. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 47(2), 130–146. <https://doi.org/10.1080/0092623x.2020.1835760>
- Kohut, T., Fisher, W. A., & Campbell, L. (2016). Perceived effects of pornography on the couple relationship: Initial findings of Open-Ended, Participant-Informed, “Bottom-

- Up” research. *Archives of Sexual Behavior*, 46(2), 585–602.
<https://doi.org/10.1007/s10508-016-0783-6>
- Komlenac, N., & Hochleitner, M. (2021). Heterosexual-identified men’s endorsement of masculinity ideologies moderates associations between pornography consumption, body satisfaction and sexual functioning. *Psychology and Sexuality*, 13(4), 880–900.
<https://doi.org/10.1080/19419899.2021.1936616>
- Kwak, S. G., & Kim, J. H. (2017). Central limit theorem: the cornerstone of modern statistics. *Korean journal of anesthesiology*, 70(2), 144–156.
<https://doi.org/10.4097/kjae.2017.70.2.144>
- Lantagne, A., & Furman, W. (2017). Romantic relationship development: The interplay between age and relationship length. *Developmental Psychology*, 53(9), 1738–1749.
<https://doi.org/10.1037/dev0000363>
- Leonhardt, N. D., Spencer, T. J., Butler, M. H., & Theobald, A. C. (2018). An organizational framework for sexual media’s influence on Short-Term versus Long-Term sexual quality. *Archives of Sexual Behavior*, 48(8), 2233–2249.
<https://doi.org/10.1007/s10508-018-1209-4>
- Leonhardt, N. D., Spencer, T. J., Butler, M. H., & Theobald, A. C. (2019). An Organizational Framework for Sexual Media's Influence on Short-Term Versus Long-Term Sexual Quality. *Archives of sexual behavior*, 48(8), 2233–2249.
<https://doi.org/10.1007/s10508-018-1209-4>
- Levinson, D. J. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, 41(1), 3–13. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.41.1.3>
- Maas, M. K., Vasilenko, S. A., & Willoughby, B. J. (2018). A Dyadic approach to pornography use and relationship satisfaction among heterosexual couples: The role of pornography acceptance and anxious attachment. *The Journal of Sex Research*, 55(6), 772–782.
<https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1440281>
- Manoel, D. F., Lordello, S. R., Souza, L., & Pessoa, A. S. G. (2020). Sexting e adolescência: a emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. *Revista Da SPAGESP*, 21(1), 37–50. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v21n1/v21n1a04.pdf>
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (7ª ed.). Report Number.

- Mestre-Bach, G., & Potenza, M. N. (2025a). Adolescents, Pornography Use, and Problematic Pornography Use: A Rapid Systematic Review of Longitudinal Studies. *Journal of the Korean Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 36(3), 122–134. <https://doi.org/10.5765/jkacap.250015>
- Mestre-Bach, G., & Potenza, M. N. (2025b). Pornography, problematic pornography use, and infidelity. *Current Addiction Reports*, 12(1). <https://doi.org/10.1007/s40429-025-00633-y>
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2015). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (7.ª ed.)*. Edições Sílabo.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172–186. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(80\)90007-4](https://doi.org/10.1016/0022-1031(80)90007-4)
- Santos, A. C. (2004). Sexual orientation in Portugal: towards emancipation. *South European Society & Politics*, 9(2), 159–190. <https://doi.org/10.1080/1360874042000253528>
- Saylor Academy (2012). *Research Methods In Psychology*. Open Text Books fo Hong Kong. https://www.opentextbooks.org.hk/system/files/export/35/35300/pdf/Research_Methods_In_Psychology_35300.pdf
- Srivastava, S., Chauhan, S., Patel, R., Marbaniang, S. P., Kumar, P., Dhillon, P., & Pandey, N. (2022). Exposure to Pornographic Content Among Indian Adolescents and Young Adults and Its Associated Risks: Evidence from UDAYA Survey in Bihar and Uttar Pradesh. *Archives of Sexual Behavior*, 52(1), 361–372. <https://doi.org/10.1007/s10508-022-02411-7>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119–135. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>
- Vaillancourt-Morel, M. P., Rosen, N. O., Bóthe, B., & Bergeron, S. (2024). Partner Knowledge of Solitary Pornography Use: Daily and Longitudinal Associations with Relationship Quality. *Journal of sex research*, 61(8), 1233–1245. <https://doi.org/10.1080/00224499.2023.2219254>
- Vaillancourt-Morel, M. P., Rosen, N. O., Štulhofer, A., Bosisio, M., & Bergeron, S. (2021). Pornography Use and Sexual Health among Same-Sex and Mixed-Sex Couples: An

Event-Level Dyadic Analysis. *Archives of sexual behavior*, 50(2), 667–681.
<https://doi.org/10.1007/s10508-020-01839-z>

Willoughby, B. J., Carroll, J. S., Busby, D. M., & Brown, C. C. (2015). Differences in Pornography Use Among Couples: Associations with Satisfaction, Stability, and Relationship Processes. *Archives of Sexual Behavior*, 45(1), 145–158.
<https://doi.org/10.1007/s10508-015-0562-9>

Willoughby, B. J., & Leonhardt, N. D. (2018). Behind closed doors: individual and joint pornography use among romantic couples. *The Journal of Sex Research*, 57(1), 77–91.
<https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1541440>

Xia, M., Fosco, G. M., Lippold, M. A., & Feinberg, M. E. (2018). A Developmental Perspective on Young Adult Romantic Relationships: Examining family and individual factors in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 47(7), 1499–1516.
<https://doi.org/10.1007/s10964-018-0815-8>

Anexos

Anexo A

Tabela A1 - Consistência interna das subescalas do CPUI-9 (α de Cronbach)

($n = 67$)

Subescala	α de Cronbach
Compulsividade Percebida	.723
Esforços de Acesso	.384
Perturbação Emocional	.807
Total CPUI-9	.781

Tabela A2 - Síntese dos Temas e Subtemas Resultantes da Análise Temática Indutiva

($n = 6$)

Tema Principal	Subtemas Identificados	Citações Ilustrativas (Participantes)
Motivações para o Consumo de Pornografia	Autoprazer e satisfação imediata; Curiosidade e tédio; Exploração e inovação sexual; Regulação emocional em relações à distância.	<i>“Utilizo como forma de satisfação imediata e ajuda-me a fantasiar.”</i> (Sara, Mulher, 27 anos) <i>“Encontro-me num relacionamento à distância, daí recorrer à pornografia.”</i> (Mariana, Mulher, 25 anos) <i>“Gosto de sexo e de poder inovar na minha relação amorosa.”</i> (Susana, Mulher, 39 anos)

Efeitos Percebidos nas Relações Amorosas	Consumo sem impacto direto na relação; Ocultação por receio de julgamento; Consumo partilhado como prática integradora.	<p>“Não afeta nada entre nós, porque só vejo quando não estamos juntos.” (Sara, Mulher, 27 anos)</p> <p>“Ela não tem conhecimento de que consumo, tenho receio de contar, pois segue uma religião específica.” (João, Homem, 47 anos)</p> <p>“Consumimos juntos, por vezes fazemos partilha de ecrã e isso aproxima-nos.” (Susana, Mulher, 39 anos)</p>
Percepções e Atitudes face ao Consumo pelo Parceiro	Normalização do consumo; Estigma de género; Aceitação condicionada à comunicação e moderação	<p>“Acho perfeitamente normal, principalmente se houver conversa e não interferir na relação.” (Mariana, Mulher, 25 anos)</p> <p>“É algo natural, apesar da sociedade ter mais estigma.” (Sara, Mulher, 27 anos)</p>
Contexto e Experiência Emocional Associada ao Consumo	Consumo individual e privado; Prazer e satisfação; Sentimentos de carência ou desconforto.	<p>“A experiência emocional é de prazer, bastante satisfatória.” (Mariana, Mulher, 25 anos)</p> <p>“Sinto uma profunda carência.” (Marta, Mulher, 31 anos)</p> <p>“Às vezes fico surpreendido com a degradação humana que aparece nos vídeos.” (João, Homem, 47 anos)</p>

Anexo B - Questionário Sociodemográfico



Introdução ao Estudo

Sou Ana Cardoso, estudante do 5º ano do Mestrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

No âmbito da minha dissertação para obtenção do grau de Mestranda em Psicologia Clínica, sob a supervisão da Professora Doutora Sofia Von Humboldt, venho por este meio solicitar a sua participação no meu estudo, que contém como questão de investigação: **"Qual é o Efeito do Consumo de Pornografia Online na Qualidade Relacional de Indivíduos em Relações Amorosas?"**.

De modo a esclarecer o conceito de "Pornografia Online", passo a disponibilizar a sua definição com base na literatura científica:

Conteúdo de carácter sexual, definido conforme o contexto, cujo objetivo principal é estimular sexualmente o público e que é criado e partilhado com o consentimento de todas as partes envolvidas. Por sua vez, pode incluir diversos formatos, como **imagens**, **GIFs** (formato gráfico que, geralmente, consiste em animações curtas reproduzidas repetidamente num ciclo contínuo), **vídeos**, **texto**, **áudio** e **sexting** (envio de fotografias e/ou *selfies* de nudez e de cariz sexual, através de um dispositivo móvel). Ainda, o seu consumo pode ocorrer por meio de **redes sociais**, **sites**, **realidade virtual**, **jogos** e **aplicações para Smartphone**. (Ashton, McDonald e Kirkman, 2019).

No seguimento da concepção destas duas variáveis ("**Pornografia Online**" e "**Qualidade Relacional**"), o objetivo deste estudo foca-se na contribuição para a investigação em Psicologia, oferecendo novas perspectivas sobre o tema.

Se tem 18 anos ou mais, está pelo menos numa relação amorosa ou esteve em alguma nos últimos 6 meses, vive em Portugal e consome pornografia online à, pelo menos, 6 meses, este questionário aplica-se a si!

▲ Critério de Exclusão: Este estudo não se aplica a pessoas que apresentem uma **disfunção sexual diagnosticada**.

Por tratar-se de um tema sensível e pessoal, a confidencialidade de todos os dados recolhidos será assegurada. Além disso, a sua participação neste estudo é **completamente voluntária** e por isso, tem o direito de se **recusar a participar** ou de **desistir a qualquer momento**, sem qualquer penalização ou prejuízo.

Antes de avançar, se ainda mantém alguma dúvida sobre informações que tenham sido mencionadas, não hesite em contactar-me.

Poderá fazê-lo através do seguinte email: anaprcardoso272@gmail.com

* Indica uma pergunta obrigatória

Ao avançar, **confirmando** que fui informado(a) de forma clara e completa sobre os objetivos * e natureza desta investigação. Compreendi que:

- A minha participação é voluntária e posso desistir a qualquer momento, sem qualquer penalização;
- Os dados recolhidos são anónimos e não incluem qualquer identificação pessoal, como nome ou email;
- Dependendo das respostas dadas, posso ser convidado(a) a participar, posteriormente, numa breve entrevista por telefone. A participação nesta entrevista é opcional e o anonimato será garantido;
- Caso aceite ser contactado(a), não me serão pedidos dados pessoais adicionais — apenas a confirmação do número e da idade para validação;
- A investigação segue todas as normas éticas e de confidencialidade;
- Posso esclarecer dúvidas através do email fornecido.

- Concordo em participar neste estudo.
- Não concordo em participar neste estudo.

Obrigado por Aceitar!

Agradeço a sua contribuição para a realização deste estudo! Uma vez que aceitou participar, peço-lhe que avance para a secção seguinte e responda às questões. Reforço que a sua participação é **voluntária** e, por isso, poderá **desistir a qualquer momento**.

Obrigado pela Atenção Dispensada!

Indique a sua idade. *

A sua resposta _____

Indique a sua nacionalidade. *

A sua resposta _____

Este questionário está disponível apenas para pessoas que falam e compreendem português fluentemente. Considera que possui um nível de fluência suficiente para compreender e responder a todas as questões? *

- Sim
- Não

Secção sem título

Encontra-se, atualmente, num ou mais relacionamento(s) amoroso(s)? *

- Sim
 Não

Secção sem título

Indique em quantos relacionamentos se encontra. *

A sua resposta _____

Indique o tipo de relacionamento (caso possua mais do que um, selecione "Outra" e escreva os tipos) *

- Namoro
 Cônjuge
 Outra: _____

Indique a orientação sexual do relacionamento (caso possua mais do que um, selecione "Outra" e escreva as orientações). *

- Heterossexual
 Homossexual
 Outra: _____

Secção sem título

Uma vez que não se encontra, atualmente, num ou mais relacionamento(s) amoroso(s), esteve em algum(ns) nos últimos 6 meses? *

- Sim
 Não

Secção sem título

Indique em quantos relacionamentos se encontrava. *

A sua resposta _____

Indique qual era o tipo de relacionamento (caso tenha tido mais do que um, selecione "Outra" e escreva os tipos). *

- Namoro
- Cônjuge
- Outra: _____

Indique qual era a orientação sexual do relacionamento (caso tenha tido mais do que um, selecione "Outra" e escreva as orientações). *

- Heterossexual
- Homossexual
- Outra: _____

Secção sem título

Consome pornografia online há, pelo menos, 6 meses? *

- Sim
- Não

Secção sem título

Pratica *Sexting* (envio de fotografias e/ou *selfies* de nudez e de cariz sexual, através de um dispositivo móvel) com o(s) seu(s) parceiro(s)? *

- Sim
- Não

Secção sem título

Uma vez que não pratica *Sexting* com o(s) seu(s) parceiro(s), pratica com outrem? *

- Sim
- Não

Secção sem título

Indique com que frequência por semana costuma fazê-lo. *

- Menos de 1 vez
- 1-2 vezes
- 3-4 vezes
- 5-6 vezes
- Diariamente (7 vezes)
- Mais de 7 vezes
- Outra: _____

Em que horário(s) costuma fazê-lo? *

- Manhã (entre as 6h e 12h)
- Tarde (entre as 12h e 18h)
- Noite (entre 18h e 24h)
- Madrugada (entre 24h e 6h)
- Outra: _____

Como costuma fazê-lo? (selecione todas as que se aplicam. Caso possua mais do que um relacionamento amoroso, selecione "Outra" e indique com quem consome). *

- Sozinho(a)
- Acompanhado(a) do(a) meu(minha) parceiro(a)
- Ambos
- Outra: _____

Que conteúdos costuma consumir? (p.e., imagens, vídeos, sexting, etc). *

A sua resposta _____

É oculto ou partilhado dentro do(s) seu(s) relacionamento(s)? (caso o sexting seja praticado com outrem, deverá indicar) *

- Oculto
- Partilhado

Entrevista

Está disponível para participar numa entrevista via telemóvel para aprofundar este estudo? *

- Sim
 Não

Contacto

O contacto será utilizado exclusivamente para a realização da entrevista, pelo que será eliminado após a sua conclusão.

Por favor, indique o seu número de telemóvel para que possamos entrar em contacto. *

A sua resposta

Cyber Pornography Use Inventory-9 (CPUI-9)

Segue-se questões pertencentes ao CPUI-9. Este questionário possui 9 perguntas de escolha múltipla e avalia a sua perceção sobre o consumo de pornografia online em diferentes situações. As respostas variam numa escala de 1 (de modo algum) a 7 (extremamente frequente). Avance para a secção seguinte e selecione a sua resposta conforme cada situação se aplica a si.

Compulsividade Percebida

Item 1) Acho que estou viciado(a) em pornografia online. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Item 2) Mesmo quando não quero recorrer a pornografia online, sinto-me atraído(a) pela mesma. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Item 3) Sinto-me incapaz de parar de utilizar pornografia online. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Esforços de Acesso

Item 4) Por vezes tento organizar o meu horário de modo a conseguir estar sozinho(a) para ver pornografia. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Item 5) Já recusei sair com amigos ou ir a certos eventos sociais de forma a ter oportunidade de ver pornografia. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Item 6) Já adiei prioridades importantes para ver pornografia. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Perturbação Emocional

Item 7) Sinto-me envergonhado(a) depois de ver pornografia online. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Item 8) Sinto-me deprimido(a) depois de ver pornografia online. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Item 9) Sinto-me doente depois de ver pornografia online. *

1 2 3 4 5 6 7

De Modo Algum Extremamente Frequente

Dados Sociodemográficos

Reside em Portugal há, pelo menos, 1 ano? *

- Sim
 Não

Qual é o seu género? (caso não conste nas opções sugeridas, selecione "Outra" e escreva o seu género) *

- Masculino
 Feminino
 Transgénero
 Não-binário
 Outra: _____

Qual é a sua orientação sexual? (caso não conste nas opções sugeridas, selecione "Outra" e escreva a sua orientação) *

- Heterossexual
 Homossexual
 Bissexual
 Outra: _____

Qual é a composição do seu agregado familiar (quantas pessoas coabitam na mesma casa a contar consigo)? *

- Moro sozinho(a)
 Moro com 1-2 pessoas
 Moro com 3 ou mais pessoas

Se não vive sozinho(a), indique com quem vive (caso contrário, escreva "N/A") *

A sua resposta _____

Qual é a sua profissão? *

A sua resposta _____

Saúde e Estilo de Vida

Pratica atividade física regularmente? *

- Sim
- Não

Secção sem título

Quais atividades pratica? *

A sua resposta

Quanto tempo por semana dedica à prática de atividade física? *

- Menos de 1 hora
- 1-3 horas
- Mais de 3 horas

Secção sem título

O que costuma fazer nos tempos livres? (selecione todas as que se aplicam; caso não conste na lista, selecione "Outra" e escreva o que faz) *

- Assistir TV
- Ler (p.e., livros, revistas, jornais)
- Praticar desporto
- Estar com amigos ou família
- Jogar videojogos
- Outra: _____

Teve alguma doença nos últimos 6 meses? *

- Sim
- Não

Secção sem título

Indique qual(ais). *

A sua resposta

Tomou algum tipo de medicação? *

- Sim
 Não

Secção sem título

Indique que medicação tomou. *

A sua resposta

Secção sem título

Regularmente, toma algum tipo de medicação? *

- Sim
 Não

Secção sem título

Indique que medicação toma regularmente. *

A sua resposta

Secção sem título

Como classifica a sua saúde física em geral? *

- Muito boa
 Boa
 Razoável
 Má
 Muito má

Como classifica a sua saúde mental em geral? *

- Muito boa
- Boa
- Razoável
- Má
- Muito má

Divulgação de Estudos

Caso esteja a conduzir um estudo e necessite de participantes, pode partilhar o respetivo link abaixo. Como forma de agradecimento pelo seu tempo e colaboração, terei todo o gosto em participar. Caso contrário, avance para a próxima secção.

Caixa de texto para inserir o link.

A sua resposta

Terminou!

Mais uma vez, gostaria de agradecer por ter participado no meu estudo. A sua colaboração foi essencial para esta investigação em Psicologia Clínica e representa um passo importante para compreender melhor o impacto do consumo de pornografia online na qualidade relacional.

Se conhecer alguém que possa também contribuir para este estudo, fico imensamente grata se puder partilhar o convite para participar. Os critérios de participação são os mesmos:

- Estar atualmente em, pelo menos, uma relação amorosa;
- Residir em Portugal;
- Consumir pornografia online (pelo menos, nos últimos 6 meses).

Para facilitar, poderá partilhar o seguinte link: <https://forms.gle/AfUqA4Rv4p2AR1cZ7>

Relembro que a participação é totalmente voluntária, confidencial e anónima. Caso tenha dúvidas ou deseje receber em breve os resultados finais do estudo, pode contactar-me através do email: anapprcardoso272@gmail.com.

Com os melhores cumprimentos,
Ana Cardoso.

Terminou!

Agradeço, sinceramente, o seu tempo e interesse em participar neste estudo! No entanto, não foi possível continuar com o preenchimento deste questionário, uma vez que **não preenche os critérios necessários** para esta investigação.

Se conhecer alguém que possa também contribuir para este estudo, fico imensamente grata se puder partilhar o convite para participar. Os critérios de participação são os mesmos:

- Ter 18 anos ou mais;
- Estar atualmente em, pelo menos, uma relação amorosa ou ter estado em alguma(s) nos últimos 6 meses;
- Residir em Portugal;
- Consumir pornografia online (pelo menos, nos últimos 6 meses).

Para facilitar, poderá partilhar o seguinte link: <https://forms.gle/AfUqA4Rv4p2AR1cZ7>

Relembro que a participação é totalmente voluntária, confidencial e anónima. Caso tenha dúvidas ou deseje receber em breve os resultados finais do estudo, pode contactar-me através do email: anapprcardoso272@gmail.com.

Com os melhores cumprimentos,
Ana Cardoso.

Anexo C - Flyer Digital



SCAN ME



<https://forms.gle/5jp9KqPY8XBd24nw7>

O EFEITO DA PORNOGRAFIA NA QUALIDADE RELACIONAL

Participe no Estudo e Contribua para a Psicologia Clínica!

- 1** Estar/ter estado numa relação nos últimos 6 meses;
- 2** Residir em Portugal (mínimo 1 ano);
- 3** Consumir Pornografia.



Anónimo e Confidencial!



Em caso de alguma dúvida, contacte-me!



anapprcardoso272@gmail.com



Anexo D - Exemplos de Emails Enviados a Instituições de Ensino Superior

Foram eliminados quaisquer dados identificativos dos diretores das instituições, de modo a conferir o anonimato e confidencialidade.

Exemplo 1:

Prezada Senhora Ana Cardoso
Desde já agradecemos o Seu contacto

Informamos que não foi autorizada a atividade de divulgação proposta nas instalações da ULusofona.

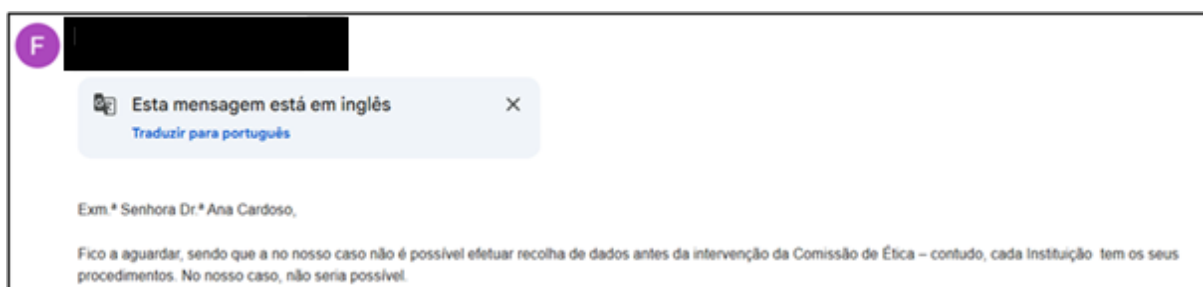
Na expectativa dos melhores sucessos pessoais e académicos nos despedimos.

Exemplo 2:

Boa tarde,
Vimos informar que não autorizamos a afixação do flyer.

Cumprimentos,

Exemplo 3:



The screenshot shows an email interface. At the top left, there is a purple circular profile picture with the letter 'F' and a blacked-out name. Below this is a light blue notification box with a speech bubble icon, containing the text 'Esta mensagem está em inglês' and a link 'Traduzir para português'. Below the notification, the email content begins with 'Exm.* Senhora Dr.* Ana Cardoso,' followed by a paragraph: 'Fico a aguardar, sendo que a no nosso caso não é possível efetuar recolha de dados antes da intervenção da Comissão de Ética – contudo, cada Instituição tem os seus procedimentos. No nosso caso, não seria possível.'

Anexo E - Exemplos de Excertos das Entrevistas

De modo a conferir o anonimato e confidencialidade dos participantes, os nomes originais foram substituídos por fictícios, sendo utilizada a letra “P” como identificação do participante e a letra “E” como identificação da entrevistadora.

Entrevista 1 — Susana, Mulher, 39 anos

E: *Muito boa tarde, como está?*

P: *Olá Ana Cardoso, estou bem obrigada e a senhora?*

E: *Também estou bem obrigada. Como lhe indiquei por mensagem, não necessito de saber o seu nome para a realização da entrevista, sendo que, primeiramente, quero fazer-lhe duas questões, apenas para confirmar se estou a falar com o participante que pretendo. Diga-me a sua idade, por favor.*

P: *Tenho 39 anos.*

E: *E diga-me o número pelo qual está a ligar.*

P: *(Eliminado).*

E: *Obrigada. Então, podemos dar início à entrevista. A primeira questão que tenho para lhe fazer é a seguinte: que motivos o(a) conduzem a consumir pornografia?*

P: *Eh... Eu penso que seja pelo facto de gostar de sexo. Vejo algumas vezes. E também para poder inovar na minha relação amorosa, poder dar umas ideias de coisas que vejo para o meu parceiro e a gente aplicar.*

Entrevista 2 — João, Homem, 47 anos

E: *Agora, diga-me qual é a sua experiência emocional quando consome pornografia?*

P: *Sim... A minha experiência varia. Estou numa conversa com alguém e a pessoa manda-me fotos inusitadas sem eu pedir... Outras vezes ando à procura de conteúdos e aparece-me coisas que eu desejava não ter visto. Então em sites como Only Fans, deixa-me um tanto surpreendido com a degradação humana por dinheiro fail ou seguidores. Outras vezes, encontro conteúdo que me agrada e fico por lá.*

E: Certo. Outra questão que lhe quero fazer é: de que forma é que o(s) horário(s) que escolheu para o consumo influencia a sua dinâmica relacional?

P: Ela não tem conhecimento de que consumo... E tenho algum receio de contar, pois ela segue uma religião específica, dentro do catolicismo salvo erro e pretendo que me encare como alguém sério. Prefiro manter isso para mim.

E: Sim, certo. Obrigada. Agora, qual é a sua percepção sobre homens que consomem pornografia?

P: Acho que é algo natural, desde sempre houve pornografia. A diferença é que antigamente era fotos a preto e branco e agora é em formato digital e com maior privacidade.